



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 07/12/2016

GLOBAL	1
INDIA lidera el mercado mundial de carnes bovinas	1
BRASIL	2
Mercado ganadero sin una tendencia definida.....	2
Oferta de carne bovina aumentará en 2017	2
Exportación de carnes refrigeradas creció 1.6 por ciento a noviembre de 2016	2
JAPON: noticia equivocada sobre su apertura repercutió en la Bolsa	2
URUGUAY	3
Precio planchado con una faena vacuna muy elevada.....	3
La caída de precios y el alto nivel de faena dificultan la concreción de negocios	3
Jorge Riani: “Tenemos una industria oligopólica” que “nos tiene de rehenes”	4
Carne faenada de ganado de corral “no cambia la estacionalidad de precios”	4
Novillos de corral representan el 15% de la faena	5
Cayó 10,45% el precio de tonelada de carne vacuna.....	5
PARAGUAY	5
Instituto de la Carne Posiciones enfrentadas del sector privado Frigoríficos piden que se deje de lado el proyecto	5
Creció exportación de carne a Vietnam y apuntan a enviar producto premium	6
CHILE	6
Baja la producción de carne de vacuno	6
Se pone en marcha la Asociación de Exportadores de Carnes (Expocarnes)	6
UNIÓN EUROPEA	7
BSE registran menos casos en 2015	7
Productores advierten perjuicios ante un posible acuerdo de libre comercio con el Mercosur	7
Comisaria Europea viaja a Argentina por negociación acuerdo UE-Mercosur	7
ESTADOS UNIDOS	8
Cierre del año 2016: Mercado signado por una mayor oferta ganadera	8
AUSTRALIA: analizan uso de tecnología de impresión 3D	8
EMPRESARIAS	9
JBS Foods International anuncia nueva estrategia empresaria.....	9

GLOBAL

INDIA lidera el mercado mundial de carnes bovinas

06 December 2016 2016 has witnessed the return of India as the global leader in beef (and buffalo meat) exports. Australia was the largest beef exporter in 2015, amid a year of near record production (just shy of the 2014 peak) and strong global demand, however shipments have since declined following the departure from drought and early signs of a herd rebuild.

The figure below illustrates beef exports of the four major players during the first nine months of 2016. At a time when Australian exports have been constrained by supplies, US beef exports have increased on the back of quickly growing production, while Brazil has expanded exports following regained market access to China and Saudi Arabia.

Indian export growth has been underpinned by a 31% increase in shipments to Vietnam – the supplier's single largest market, receiving just shy of 400,000 tonnes swt during the January to September period.

As illustrated in the figure below, other major markets for Indian buffalo have recorded mixed results so far this year. Exports to Egypt have increased 12% year-on-year, to 107,000 tonnes swt between January and September, while shipments to Malaysia have declined 10%, to 96,000 tonnes swt.

One major development has been the 9,864 tonnes swt (across August and September) exported to Indonesia, with the Indonesian government subsequently issuing permits to import additional Indian buffalo meat in coming months.

Indian buffalo is very price competitive on the global stage, being the cheapest large supplier of frozen commodity beef. During the September quarter, the average export unit value for boneless frozen buffalo was A\$3.91/kg (FOB) – well below comparable product from Brazil (A\$5.17/kg), Australia (A\$6.05/kg) and the US (A\$7.13/kg).



BRASIL

Mercado ganadero sin una tendencia definida

Quarta-feira, 7 de dezembro de 2016 Não há tendência definida no mercado do boi gordo. Para o pecuarista que for negociar, é preciso observar diariamente o comportamento dos preços.

Onde a escala evolui razoavelmente em um dia, ou as vendas não foram como esperado, as indústrias “colocam o pé no freio” e tentam comprar por preços menores, o que não indica, necessariamente, que no dia seguinte não possam a ofertar acima da referência.

O comportamento do mercado, com praças com reajustes positivos e outras em baixa é resultado deste cenário.

Isso se dá em função de tudo estar muito ajustado. Não há oferta de boi em abundância e, em algumas regiões, chega a faltar matéria-prima, mas a demanda atual não torna essa situação preocupante para os compradores.

Em São Paulo, tudo muito alinhado entre R\$150,00/@ e R\$151,00/@, à vista, para as indústrias que realmente têm “interesse” de comprar no mercado spot. As que não precisam de boiadas, e somente completam as escalas com compra no mercado físico, ofertam até R\$2,00/@ a menos.

Oferta de carne bovina aumentará em 2017

06/12/16 - por Equipe BeefPoint O cenário para o preço do boi gordo será desafiador no próximo ano. A oferta volta a subir, e há riscos tanto para a demanda interna como para a externa.

Do lado da oferta, “há indícios de que estamos na virada do ciclo pecuário”, diz Guilherme Melo, analista de Agronegócios no Itaú BBA. Em estudo, o banco aponta que poderá haver aumento de abates de vacas, provocado pela redução das margens na cria, puxada pela queda de preço do bezerro.

Além do aumento da oferta de vacas, também provocada pelo aumento da produtividade, ele prevê a possibilidade de uma disponibilidade maior de bois para abate.

Condição climática melhor, o que confere maior peso aos animais, e maior número de animais em semiconfinamentos e confinamentos vão elevar a oferta de carne.

A demanda interna deverá ser afetada pelo elevado nível de endividamento da população e pela alta taxa de desemprego.

Do lado externo, a carne brasileira se beneficia do câmbio um pouco mais desvalorizado, da oferta limitada de alguns países produtores e de uma recuperação parcial dos preços médios do petróleo, mas a reabertura da China para a carne bovina dos Estados Unidos poderá ser um dos riscos para o avanço do produto nacional.

Exportación de carnes refrigeradas creció 1.6 por ciento a noviembre de 2016

Quarta-feira, 7 de dezembro de 2016 - Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, em novembro, o Brasil exportou 75,8 mil toneladas de carne bovina in natura, queda de 24,1% na comparação com o mesmo período do ano passado e de 9,1% em relação a outubro último.

A média diária foi de 3,8 mil toneladas.

O faturamento total foi de US\$336,1 milhões em novembro. O que representa uma queda de 23,0% em relação a novembro de 2015.

De janeiro a novembro de 2016 o Brasil exportou 990,36 mil toneladas de carne bovina in natura. Alta de 1,6% em relação ao mesmo período do ano passado. Crescimento bem menor do que era esperado no início do ano, já quem em 2015 patinou devido a problemas econômicos nos principais países compradores (Rússia e Venezuela) do produto brasileiro.

JAPON: noticia equivocada sobre su apertura repercutió en la Bolsa

5 de dezembro de 2016 - Ações de frigorífico subiram após notícia equivocada sobre acordo para exportação de carne para o país

Por um equívoco, o Ministério da Agricultura informou na última sexta-feira, 2 de dezembro, que as negociações para a exportação de carnes termoprocessada e in natura para o Japão estavam em fase final. Mas, no sábado, 3, houve uma correção e a informação divulgada foi de que o Brasil abriu o mercado para a carne de bovinos japoneses da raça Wagyu.

A notícia, entretanto, mexeu com o mercado na manhã desta segunda-feira. As ações do frigorífico Minerva, que exporta cerca de 60% da sua produção, avançaram quase 3,5% no início do dia e operadores atribuíram a alta à suposta iminência de consolidação do mercado japonês.

Em relatório, analistas do BTG Pactual afirmam que setor de carne bovina devia ficar no radar de investidores após a divulgação da nota. "Cabe lembrar que o Japão é hoje o 2º maior mercado importador de carne do mundo, o que pode ser transformacional para os papéis", informou o BTG.



O Itaú BBA classificou Minerva e Marfrig como os principais beneficiados com a notícia e que as compras japonesas poderiam anular o recuo das aquisições da Rússia. O Itaú BBA ressaltou, ainda, que o Japão foi o segundo maior importador de carne bovina do mundo em 2015, com 707.000 toneladas, ou cerca de 40% de todas as exportações brasileiras para outros países.

O secretário-executivo e ministro interino da Agricultura, Eumar Novacki, esclareceu na manhã desta segunda-feira, 5 de dezembro, que o Brasil avança nas negociações com o Japão apenas para a retomada da exportação de carne termoprocessada ao país asiático.

"Por questões sanitárias pontuais e específicas, as exportações de carne termoprocessada para o Japão estão suspensas há mais de um ano. Conseguimos comprovar que não há qualquer risco e as negociações estão avançadas para a retomada do comércio" disse o ministro, que fica interinamente no cargo até amanhã, 6, em virtude da viagem do titular, Blairo Maggi, em missão ao México.

Novacki admitiu que as negociações para abertura do mercado japonês para a carne in natura brasileira ainda devem ser longas e um possível acordo demoraria mais de um ano para ocorrer. "Pelo menos os japoneses estão com boa vontade", concluiu.

URUGUAY

Precio planchado con una faena vacuna muy elevada

Diciembre 7, 2016 De momento no hay expectativas de una pronta recuperación de los valores

El precio de la hacienda en el mercado local sigue "planchado", incluso proponiéndose valores menores por parte de la industria a los productores ganaderos, confirmó a El Observador el rematador Alejandro Zambrano, quien entiende que al menos a corto plazo no hay perspectivas de que eso se modifique.

Consultado sobre los precios de referencia, indicó que para el caso del novillo gordo se ubica en US\$ 2,80 y para el caso de la vaca gorda en US\$ 2,60, siempre por kilo a la carne o en cuarta balanza.

En relación a las entradas, se están estableciendo acuerdos para dentro de una semana y media, en líneas generales.

"Por ahora, parece que no hay ninguna perspectiva de que estos valores cambien, pero a la vez ya hay mucha gente que no está tan vendedora", comentó.

En ese marco, se aprecia que se está en un mercado de la reposición "bastante firme", lo cual incide para que la gente "no largue los ganados así no más".

La Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG), en su informe semanal, estableció las mencionadas referencias en US\$ 2,82 y US\$ 2,54, respectivamente.

En bovinos hay un "alto nivel de faena y entradas largas", a la vez que "se enlentece la concreción de nuevos negocios", comentó la ACG.

Zambrano consideró que la faena de vacunos –que fue la más elevada de los últimos siete años– "está alta en gran medida por la época del año en la que estamos".

"Hay que tener en cuenta además que tenemos una capacidad de faena de 60 mil cabezas o arriba de eso y si hay un momento del año en el que se puede llegar cerca de esa cifra es ahora", acotó.

Incide en esto, por un lado, que muchos productores han tenido la necesidad de comercializar hacienda para poder cumplir con diversas obligaciones propias de la época y, a la vez, que se atravesó por un período con falta de agua que recién se acomodó un poco hace algunos días, comentó.

La caída de precios y el alto nivel de faena dificultan la concreción de negocios

07 de diciembre de 2016 Nuevamente se alcanzó un record en la faena semanal, la mayor desde diciembre de 2010. El nivel de actividad, influye en la pesadez del mercado a inicios de esta semana, en que se hace difícil concretar negocios.

La faena mensual de noviembre alcanzó a 217.706 cabezas, el máximo valor desde diciembre de 2010. Aumentó 12,5% frente al mes anterior y un 9,7% de incremento, en la comparación con el dato de noviembre de 2015.

Las entradas se alargaron para fin de año principios del que viene, inclusive se están anotando negocios sin precio, para asegurar el cupo.

Es la cuarta semana consecutiva de suba de la faena, se faenaron 55.766 cabezas, el mayor registro desde el 18 de diciembre de 2010. Desde la semana anterior el incremento fue de 7% (3.900 animales), creció 16% respecto a igual período del año pasado.

La faena semanal de novillos alcanzó a 28.961 cabezas, un aumento entre semanas de 7%, el aumento fue de 30% en la comparación interanual. Es la segunda semana que los novillos superan a las vacas y la mitad de la faena semanal.

En el caso de las vacas, tuvieron una suba semanal de 9%, unas 2.000 cabezas hasta 25.819 animales, en la comparación anual el incremento fue de 5%. Es la mayor faena de vacas desde junio de este año.



El frigorífico con mayor actividad fue Tacuarembó con 4.373 cabezas, BPU lo siguió con 4.372 y tercero Canelones 4.135 cabezas. Las Piedras con 2.953 cabezas encabezó la faena de novillos y en vacas Canelones con 2.290 cabezas.

El precio de novillo que ofrece la industria, se mueve en el eje de US\$ 2,75 por kilo en cuarta balanza, con un máximo de US\$ 2,80 dependiendo la planta. La vaca está cotizando a US\$ 2,50 por kilo, con un máximo de US\$ 2,55 por las vacas pesadas.

La Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG), en su reunión semanal informó que con alto nivel de faena y entradas largas, se enlentece la concreción de nuevos negocios. Respecto a los precios bajó 2,76% el novillo a US\$ 2,82 por kilo en cuarta balanza, la vaca cayó 3,42% a US\$ 2,53 por kilo y la vaquillona perdió 2,54% hasta US\$ 2,69.

Jorge Riani: “Tenemos una industria oligopólica” que “nos tiene de rehenes”

06/12/2016 La próxima semana la Federación Rural se reunirá con la Asociación Rural del Uruguay porque “vamos de mal en peor”.

“Hoy la industria está haciendo un juego y lo está haciendo muy bien”, aseguró Jorge Riani con respecto a la concentración de ganado de los frigoríficos en sus corrales de engorde en determinados periodos del año, por el cual, los productores aseguran que regulan los precios del mercado.

El presidente de la Federación Rural dijo, en Valor Agregado en Carve, que “lamentablemente tenemos una industria oligopólica, con poca gente dominando mucha gente; (...) hoy la industria nos tiene de rehenes”. El gremialista remarcó que lo más importante es el desestímulo que provoca esta situación en los productores, porque “se está perdiendo competitividad con el tema de los feedlots”.

Riani insistió en que hace dos o tres años que la industria cambió “su forma de actuar, y en vez de competir entre ellos se distribuyen las cuotas”. El presidente de la Federación Rural lamentó que hoy no se esté aprovechando el momento productivo del país, sin embargo, la coyuntura está “bien para el cazador y mal para la presa, que somos nosotros”, aseveró.

En cuanto a la posibilidad de que las gremiales agropecuarias denuncien la situación ante la Comisión de Promoción y Defensa de la Competencia, como declaró el presidente de la Asociación Rural del Uruguay; Riani comentó que la próxima semana se van a reunir con ARU para “encontrar un consenso en el tema”, porque “realmente vamos de mal en peor”.

De todos modos, el presidente de la gremial dijo, en base a declaraciones de Guillermo Villa, delegado de la Federación Rural en la Junta de Inac, que dicha Comisión “no tiene la posibilidad de gente ni de infraestructura como para hacer el análisis objetivo” del tema. Además, agregó que más allá de hablar de los corrales de la industria, “se debería conversar de la actual situación del sector, un momento en que Uruguay tendría que aprovechar para maximizar la exportación”.

Por último, Jorge Riani aseguró que “hay que convencer a la industria de que esto no le sirve ni al país ni a la propia industria, y por supuesto que a los productores mucho menos”.

Carne faenada de ganado de corral “no cambia la estacionalidad de precios”

05/12/2016 - Ganados de feedlots a faena representan un 15% del total.

Dada la preocupación de las gremiales agropecuarias, principalmente de la Asociación Rural que no descarta realizar una denuncia ante la Comisión de Promoción y Defensa de la Competencia, por la concentración de ganado de las industrias frigoríficas en sus corrales de engorde en determinados periodos del año, la consultora Apeo realizó un análisis, en base a datos de INAC, de cuál es el porcentaje de animales faenados proveniente de feedlots durante el año.

“Queríamos mediar esa sensación térmica que hay en los productores, que en los momentos de la post zafra, cuando falta ganado, se faena mucho ganado a corral y eso permitiría amortiguar los precios del mercado”, comentó Diego Varalla. El director de la Consultora Apeo dijo, en Valor Agregado en Carve, que los “datos objetivos” marcan que la faena de ganados proveniente de corral “es 15% del total, independientemente del mes en el que estemos”.

Varalla explicó mes a mes se calcula los kilos de gancho como resultado de la faena de ganados de corral y de campo. Aseguró que los datos “nos están dando que a lo largo del año la faena de corral ronda el eje del 15% del total de novillos y es bastante estable a lo largo del año”, aseguró.

Durante el año pasado, según informó Varalla, se sacrificaron 150.000 novillos de corral aproximadamente, y “no hubo una estacionalidad. En el caso de que haya, es muy leve en el mes de agosto y septiembre que pasa a un máximo de 17% – 20%, (...) que no creemos que sea un número que cambie la aguja de precios del negocio”.

Dato. Desde la consultora señalaron que si se multiplica el número de novillos de corral faenados, entre 150.000 y 170.000 cabezas, por 80 kilos de carne, que es el volumen que se puede obtener por animal para exportar dentro de la cuota 481, se completan las 12.000 toneladas que Uruguay utiliza para ese contingente.



De acuerdo al análisis de Varalla, si el porcentaje promedio (15%) de animales de feedlots faenados cubre el cupo 481, y si existieran novillos que no sean de cuota y se puedan volcar al mercado para amortiguar precios, éstos deberían tener una incidencia muy menor.

Por último, el director de Apeo aseguró que el porcentaje de participación de ganados de corral en la faena "no va a hacer cambiar la estacionalidad de precios, creemos que la mayoría del ganado de feedlot que se faena está en un mercado paralelo que tiene vida propia, es estable en cantidad y en precio, como es el de cuota".

Novillos de corral representan el 15% de la faena

Diciembre 6, 2016 Dato elaborado por la consultora Apeo en base a información de INAC

La consultora Apeo determinó que la faena de bovinos de corrales de engorde representa un 15%, dato de interés frente a la preocupación manifestada por el presidente de la Asociación Rural del Uruguay (ARU), Pablo Zerbino, acerca de que ese recurso que dispone la industria en muchos casos, podría deprimir los precios del mercado.

En base a información del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Apeo concluyó que los animales provenientes de corrales representan el 15% de la faena anual en novillos "y es estable durante todo el año", comentó Diego Varalla a Valor Agregado de radio Carve, consignó Tardáguila Agromercados.

Según el estudio realizado, no se ve un aumento de la faena de animales en tiempos de pos zafra, algo que se supone habitual en el mercado. Para llegar a esta conclusión, "calculamos los kilos de corral y de campo mes a mes, comparando precios" subrayó.

Agregó que es estable y constante a lo largo del año.

Mes a mes, se aprecia que en enero la faena de animales de encierros significa el 15% del total, en febrero el 12%, marzo 14%, abril 17%, mayo 11%, junio 13%, julio 16%, agosto 15%, setiembre 20% y octubre 14%.

Cayó 10,45% el precio de tonelada de carne vacuna

05/12/2016 El precio de la tonelada de carne bovina exportada por Uruguay cayó 10,45% hasta el pasado 26 de noviembre, comparándolo con igual período de 2015, reflejando algunas turbulencias coyunturales en los mercados.

Según los datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC), la tonelada se pagó US\$ 3.400 frente a US\$ 3.797 que se llegó a pagar en noviembre de 2015.

La facturación del sector cárnico cayó 2% —en las mismas fechas de la comparación anterior— y la exportación de carne vacuna bajó 1%, en el marco de una faena anual que lleva un incremento de 1%.

Las exportaciones de carnes, menudencias, productos cárnicos y subproductos, suman US\$ 1.532 millones. De ese monto, la exportación de carne bovina generó US\$ 1.301 millones, según datos del INAC.

China es el principal destino de las exportaciones del sector cárnico uruguayo con una facturación de US\$ 548 millones que representan el 36% del total embarcado, seguida de la Unión Europea con más de US\$ 350 millones y los destinos del Nafta (Estados Unidos, Canadá y México) con más de US\$ 270 millones.

Medidos los embarques de carne bovina en volumen (peso con hueso), acapararon 382.606 toneladas, donde China, Unión Europea y Estados Unidos se mantienen a la cabeza en las compras, seguidos de Israel y los países del Mercosur.

China lleva compradas 166.742 toneladas de carne bovina con hueso; los mercados del Nafta se llevaron 86.758 toneladas; Unión Europea 48.418 toneladas e Israel 27.175 toneladas. El complejo cárnico tiene muy claro que el año en curso terminará con un precio promedio de la tonelada de carne bovina que estará levemente por debajo de US\$ 4.000, debido a inconvenientes coyunturales en algunos mercados.

Hasta el pasado 26 de noviembre se llevan industrializados 2.019.213 cabezas bovinas, con una mayor predominancia de vacas frente a los novillos. El año pasado a la misma fecha, la industria había matado 1.993.428 cabezas bovinas.

PARAGUAY

Instituto de la Carne Posiciones enfrentadas del sector privado Frigoríficos piden que se deje de lado el proyecto

03/012/16 El precio del novillo en los frigoríficos en la fecha 30 de noviembre del corriente fue de 2,95 US\$ por kilogramo al gancho, IVA incluido, según el informe semanal de la Comisión de Carne, de la Asociación Rural del Paraguay. Los precios de otras categorías de ganado, entregados en frigoríficos en la fecha 30 de noviembre fue así: Vaquillas: US\$ 2,93 por 200 kilogramos al gancho; vacas US\$ 2,90 por kilogramo al gancho; novillos tipo Chile: US\$ 3,05; y vaquillas para el mismo mercado US\$ 3,00 por



kilogramo al gancho. A su vez, el novillo tipo Hilton/UE: US\$ 3,14 por kilogramo. Los precios de lista de novillos en frigoríficos mostrados son el promedio general, para negocios puntuales se pueden obtener mejores precios. La semana que cierra hoy se ajustaron a la baja los precios del novillo en general, tuvieron una disminución de 2,6% en US\$ y en guaraníes del 2%, pero por la disminución hubo una contracción de la oferta de ganado por las lluvias.

Creció exportación de carne a Vietnam y apuntan a enviar producto premium

06 de diciembre de 2016 Creció la exportación de carne bovina a Vietnam con respecto al año pasado, pero lo enviado es mayormente carne industrial y en adelante se buscará ubicar en dicho destino la carne premium, en atención a que es nuestro cuarto comprador de volumen. Así lo señaló ayer el viceministro de Ganadería, doctor Marcos Medina.

Fue en el marco de la visita hecha a la Asociación Rural del Paraguay (ARP) por parte de una delegación de autoridades de la República Socialista de Vietnam, integrada por el viceministro de Relaciones Exteriores, Dang Dinh Quy; el embajador de dicha nación ante el Gobierno de la República del Paraguay, Nguyen Dinh Taho.

Medina informó que en lo que va del año ya se exportaron 14.000 toneladas de carne bovina congelada, que supera al total de la exportación del 2015, periodo en el que se registró el envío total de 7.000 toneladas de la proteína roja, según las estadísticas del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa).

“Con esto, lo que se busca es ampliar el mercado y principalmente, ubicar los cortes de alta calidad (premium)”, expresó.

Los representantes vietnamitas fueron recibidos, además del viceministro Medina, por el presidente de la ARP, Luis Enrique Villasanti; el titular de la Comisión de Carne de la ARP, Ing. Carlos Pedretti, entre otros.

CHILE

Baja la producción de carne de vacuno

02/12/2016 La producción de carne bovina en el periodo enero-septiembre de 2016 registra una baja de 5,9% en relación con el mismo periodo de 2015, llegando a un total de casi 163.000 toneladas, del mismo modo en el mes de septiembre se registra una baja de 3% respecto al mismo mes del año anterior.

Respecto a los precios del ganado, continúa observándose estabilidad para las distintas clases, aunque las alzas observadas durante este año comienzan a mostrar signos de moderación. En el caso del novillo gordo promedio nacional, si bien el precio de octubre fue 6% inferior al de septiembre, en el acumulado sostiene un aumento de 3,5% respecto al año pasado. Para la vaca gorda, también se registró una leve baja en septiembre (4,5%), pero el promedio acumulado muestra un alza de 5,1%.

La producción de carne de cerdo hasta el mes de septiembre alcanza 390.000 toneladas, lo que significa una baja de 0,8%. Se registra un precio promedio real del precio de las canales de cerdo entre enero y octubre de \$ 1.644, lo que representa un 13,4% más que en el mismo periodo del año 2015.

Por otro lado, la producción de carne de ave acumulada hasta septiembre alcanza 552.000 toneladas, cifra mayor que la registrada en el año 2015 (6%). Esta alza se da tanto en la carne de pollos broiler (5,5%) como en la carne de pavos (9,2%).

Respecto del comercio exterior, se aprecia que las importaciones de carne bovina hasta el mes de octubre de 2016 acumulan un alza de 16,5%, llegando a un total de 145.500 toneladas. Los principales países proveedores de carne son Paraguay (41%), Brasil (35%) y Argentina (15,5%), prácticamente las mismas participaciones registradas a esta altura del año pasado.

Entre los meses de enero a octubre de 2016, las exportaciones de carne bovina alcanzaron 6.500 toneladas, cifras que no se veían desde hace una década, lo que representa un alza de 45% en comparación con el volumen enviado en el mismo periodo de 2015. Los principales destinos fueron Costa Rica, China y Corea del Sur.

Los envíos de carne de ave y cerdos muestran variaciones de, de 9,2% y -2,1%, respectivamente.

Se pone en marcha la Asociación de Exportadores de Carnes (Expocarnes)

25/11/2016 José Guzman, gerente general de la firma cárnica chilena Agrosuper, acaba de dar a conocer la puesta en marcha de la Asociación de Exportadores de Carnes (Expocarnes), una nueva organización empresarial en la que se han vuelto a reunir muchas de las firmas cárnicas implicadas en el caso de colusión de la industria avícola chilena de hace unos años.

En esta asociación se han integrado exportadores tanto de carne de pollo como de cerdo y además de Agrosuper están presentes otras importantes empresas cárnicas chilenas como Ariztia.

Desde el Ministerio de Economía de Chile se ha llevado a cabo una serie de recomendaciones para la conformación de la nueva asociación, informa Economía y Negocios.



UNIÓN EUROPEA

BSE registran menos casos en 2015

05/12/16 - por Equipe BeefPoint Os incidentes de Encefalopatias Espongiformes Transmissíveis (TSEs) foram raros em 2015, de acordo com a Autoridade de Segurança Alimentar Europeia (EFSA).

No primeiro relatório de dados da União Europeia (UE) sobre a vigilância de ruminantes para a presença de TSEs em 2015, descobriu-se que houve taxas baixas de incidentes nos Estados Membros e nos demais países.

Em 2015, 1,4 milhão de bovinos foram testados e cinco casos foram detectados em quatro Estados Membros (Irlanda: um caso; Eslovênia: um caso; Espanha: um caso; e Reino Unido: dois casos) e um caso foi detectado na Noruega. O número de amostras testadas representou uma queda de 40% com relação ao ano anterior, com os testes feitos em animais de mais de 48 meses de idade.

Os casos na Irlanda e no Reino Unido foram afetados por Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB) e ambos os casos foram de animais nascidos após a ampla barreira às rações importadas na UE em 2001.

Desde 2001, aproximadamente 114 milhões de bovinos na UE foram testados para EEB.

Fonte: GlobalMeatNews.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint

Productores advierten perjuicios ante un posible acuerdo de libre comercio con el Mercosur

01/12/2016 Copa-Cogeca han celebrado un importante acto en el Parlamento Europeo para poner de manifiesto los múltiples beneficios que el sector vacuno de la UE aporta a las economías rurales y advierten ante la repercusión negativa de un posible acuerdo de liberalización del comercio entre la UE y el bloque comercial latinoamericano Mercosur.

Durante el seminario al que han asistido actores clave de toda la UE como el presidente del grupo de trabajo del Copa y de la Cogeca, Jean-Pierre Fleury, éste ha declarado: "la producción de vacuno en la UE reposa sobre dos millones y medio de explotaciones familiares de toda la Unión. Se trata de una pieza central del sector agrícola europeo, cuyo valor asciende a 30 mil millones y medio de euros en el total de la producción agrícola de la UE. En el sector vacuno, los productores europeos ejercen de garantes de un modelo de explotación familiar que debe preservarse".

Según estima, "el sector debe competir cada vez más con las importaciones, sobretudo en cuanto a los cortes de alto valor. Un nuevo estudio europeo de impacto sobre el comercio confirma las repercusiones catastróficas que los futuros acuerdos comerciales podrían tener para el vacuno de la UE, en especial el que está en curso de negociación entre la Unión y el bloque comercial latinoamericano Mercosur. A menos, eso sí, que se impongan contingentes arancelarios a las importaciones. Pensamos que un acuerdo potencial con Mercosur podría afectar seriamente al sector vacuno de la UE".

Fleury insistió además en que "estos países no están sujetos a las mismas normas de calidad que se aplican en la UE y sigue preocupando la seguridad de la producción cárnica en estos Estados. Por ejemplo, no disponen de las mismas normas en materia de trazabilidad y están autorizados a emplear promotores del crecimiento en sus producciones; algo que está prohibido en la UE. En Europa, además, respetamos las normas más exigentes del mundo en materia de bienestar animal. Conforme a la metodología empleada para el estudio, creemos también que la Comisión no está teniendo suficientemente en cuenta el difícil momento del sector vacuno. Sería necesario realizar un análisis más en profundidad, haciendo la distinción entre cortes en canal y diferentes calidades, para poder adoptar la estrategia apropiada de la UE para el sector cárnico y mantener su potencial de producción", ha añadido.

"Igualmente, somos favorables a las recomendaciones redactadas por la task force sobre los mercados agrícolas, en las que se pone de manifiesto la débil posición de los agricultores en la cadena alimentaria y se pide la elaboración de una legislación europea para acabar con las prácticas comerciales desleales en la cadena alimentaria y devolver a los productores una retribución justa. El vacuno de la UE, al igual que sucede con las frutas y hortalizas, es uno de los sectores en los que los márgenes de la distribución son muy superiores, por lo que se requiere urgentemente de legislación", ha dicho a modo de conclusión.

Por otro lado, Fleury, que pertenece a la organización agraria francesa FNSEA, ha sido reelegido como presidente del grupo de trabajo Carne de vacuno del Copa y de la Cogeca. Contará con el respaldo de dos vicepresidentes, Angus Woods, de la Asociación de agricultores irlandeses (IFA) y Verena Schutz, de la asociación alemana DRV.

Comisaria Europea viaja a Argentina por negociación acuerdo UE-Mercosur

Today, Commissioner Elżbieta Bieńkowska, responsible for Internal Market, Industry, Entrepreneurship and SMEs is leading an economic diplomacy mission to Buenos Aires to strengthen bilateral relations with Argentina and enhance cooperation with the Mercosur region. She will meet the President of Argentina Mauricio Macri to discuss negotiations on the EU-Mercosur association agreement and build on the previous visit of Mr Macri in Brussels earlier in July this year. Ahead of the visit, Commissioner Elżbieta



Bieñkowska said: "This visit is a great opportunity to re-launch our relations. The partnership between the EU and Argentina has a great potential to create jobs and prosperity in both our economies. And we hope to strengthen our cooperation with the entire Mercosur region." As part of the trip, the Commissioner will also meet Susana Malcorra, Minister of Foreign Affairs, Juan José Aranguren, Minister of Energy and Mining, Mariano Mayer, State Secretary for Entrepreneurs and SMEs, Martin Etchegoyen, State Secretary for Industry, Lino Barañao, Minister of Science, Technology and Innovation and Alfonso Prat-Gay, Minister of Treasury and Public Finances. In addition, a group of business representatives from different sectors are accompanying the Commissioner on the trip, where they will also meet various Argentinean companies to talk about how to improve the business environment and facilitate strategic investments.

ESTADOS UNIDOS

Cierre del año 2016: Mercado signado por una mayor oferta ganadera

By Derrell S. Peel Oklahoma State University Extension December 07, 2016 | The transition to bigger beef supplies (and psychologically to the idea of bigger supplies) that began impacting cattle markets in 2015 continued in 2016. Markets adjusted down, including a brutal, fear-driven crash in markets in the third quarter, followed by a significant rally in the fourth quarter. Fed cattle prices have recovered 12 to 15 percent since mid-October while feeder cattle are up 10 to 12 percent. Calf prices have increased about 25 percent since the October lows.

Feedlots have marketed cattle very aggressively since February resulting in higher than expected slaughter rates. Steer slaughter has not pulled back so far in the fourth quarter, as expected, and is up 7.2 percent for the year to date compared to last year. Steers on feed in feedlots as of October 1 was down 1.4 percent from one year ago, indicating that feedlots have pulled cattle, especially steers, ahead; thereby tightening future supplies. As expected, heifer slaughter is up 3.5 percent year over year so far this year with sharply higher heifer slaughter rates in the second half of the year more than offsetting decreased year over year heifer slaughter early in 2016. Beef cow slaughter is also up as expected this year, with the year to date total up 13.4 percent. Despite this sharp increase in year over year beef cow slaughter, the 2016 net herd culling rate is projected at less than 8.5 percent, less than average and consistent with modest herd growth for the year.

Beef production increased more than expected in 2016. Higher than expected cattle slaughter in 2016 has resulted in projections of annual beef production revised upwards several times during the year to the current estimate of 5.8 percent more beef than 2015. Average cattle carcass weights have been down year over year since May. Steer and heifer carcass weights, though down from last year's record levels, have remained higher than expected this fall due to excellent feeding weather into mid-November. Carcass weights should fall seasonally in the remaining weeks of the year, particularly as some colder weather impacts are reflected in the data.

Beef imports are down in 2016 while beef exports are up. This helps moderate the large increase in beef production this year reducing the supply pressure on the domestic market. Nevertheless, per capita U.S. beef consumption is increasing in 2016, the first sizeable year over year increase in more than a decade. Per capita beef consumption is projected at 55.5 pounds in 2016, up 2.6 percent from one year ago. Pork and poultry production and consumption are up as well in 2016, adding to the total meat supply pressure in beef markets. Retail beef prices in October were 7.5-8 percent below year earlier levels while retail pork prices were down nearly 6 percent and broiler prices were down nearly 4 percent year over year. Record cold storage inventories in October are indicative of the supply challenges for beef markets but, in general, it appears that the unexpectedly large beef supplies in 2016 have moved through retail grocery, HRI (hotel, restaurant and institution), and export market channels fairly smoothly this year. Additional beef production is expected in 2017 but with a smaller increase than in 2016. Growing cattle inventories and beef supplies resulted in more cattle and beef market transition and a fair amount of heartburn along the way but most of the transition appears to be complete as 2016 wraps up.

AUSTRALIA: analizan uso de tecnología de impresión 3D

Fonte: GlobalMeatNews.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

05/12/16 - por Equipe BeefPoint A tecnologia de impressão de carne em 3D pode ser "o próximo avanço" para a indústria de proteínas, de acordo com uma pesquisa publicada pelo Meat and Livestock Australia (MLA).

O MLA revisou a impressão de carne em 3D e disse que isso poderia agregar valor à indústria pelas oportunidades de mercado, aumentando a demanda por carnes vermelhas.

Em particular, o MLA afirma que a tecnologia pode ajudar a maximizar o valor da carcaça para cortes secundários, retalhos e subprodutos, desenvolvendo o que chamou de 'tinta de carne'. Com a tecnologia, a carne poderia ser impressa, camada por camada, em um processo conhecido como fabricação aditiva



“Há a necessidade de criação de novos modelos de negócios e soluções para suprir as mega tendências e demandas de diferentes mercados que querem abordagens personalizadas para nutrientes e texturas ao invés dos atuais produtos com músculos inteiros”, disse o gerente geral de desenvolvimento de pesquisa e inovação do MLA, Sean Starling.

“Por exemplo, o setor de cuidados com idosos precisa de alimento que sejam mais fáceis de mastigar e tradicionalmente utilizam alimentos na forma de purês, que são mais fáceis e baratos. Entretanto, ao utilizar a tecnologia de impressão 3D, há uma oportunidade para a indústria de carnes vermelhas de fornecer refeições ricas em proteínas que são mais apetitosas aos residentes e podem ser apresentadas em formas e tamanhos premium”.

Ele disse que a impressão 3D de carnes não representa uma ameaça aos produtores tradicionais, podendo “complementar” os esforços da indústria por colocar novos produtos de carne em mercados emergentes.

EMPRESARIAS

JBS Foods International anuncia nueva estrategia empresaria.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 06/12/16 Para contornar o veto do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) à reorganização societária que havia anunciado em maio, a JBS anunciou ontem um modelo alternativo, pelo qual fará uma oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) da sua agora subsidiária JBS Foods International na bolsa de Nova York (NYSE).

No plano original, vetado no fim de outubro, a JBS Foods International se tornaria, na prática, na controladora da JBS. Nesse processo, a JBS transferiria ativos responsáveis por 80% do faturamento à JBS Foods International, que teria sede na Irlanda e ações na bolsa americana. No Brasil, a JBS seguiria listada na BM&Fbovespa, mas após uma redução de capital a JBS Foods International passaria a ter 75% da JBS Brasil. Ao fim e ao cabo, portanto, a empresa irlandesa controlaria a JBS.

Em 26 de outubro, o BNDES justificou o veto à proposta de reorganização societária alegando que companhia, que é a maior empresa privada não financeira do país, seria desnacionalizada.

No novo modelo, a JBS no Brasil será a controladora da JBS Foods International. Em vez da Irlanda, a sede da JBS Foods International será na Holanda. A expectativa da JBS é que o IPO da subsidiária seja concluído ao longo do primeiro semestre de 2017.

Desta vez, o BNDES aprovou a proposta, tendo em vista que o conselho de administração da JBS decidiu favoravelmente, por unanimidade, o IPO da JBS Foods International. A BNDESPar, braço de participações do banco, tem um assento no conselho de administração da JBS e 20,36% do capital da companhia de carnes brasileira.

Além disso, mesmo que quisesse o BNDES não poderia vetar o IPO, porque a proposta não implica redução de capital. Procurado, o BNDES não se manifestou até o fechamento desta edição.

Na JBS Foods International, a JBS reunirá todos os negócios internacionais, além da Seara – subsidiária que engloba as operações de aves, suínos e alimentos processados no Brasil. As operações de bovinos na América do Sul e os negócios globais de couro seguirão sob o guarda-chuva da JBS no Brasil.

Atual CEO global da JBS, Wesley Batista presidirá o conselho de administração da JBS Foods International. O conselho da empresa será composto por nove membros, com maioria independente, informou ontem a JBS.

No comando da JBS Foods International, estará Gilberto Tomazoni, que é atualmente o vice-presidente global das operações da JBS. O canadense Russ Colaco será o CFO da empresa.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 07/12/16 - por Equipe BeefPoint

A abertura do capital da JBS Foods International na bolsa de Nova York provocou euforia no mercado ontem. O anúncio fez as ações da JBS subirem 19,07% na BM&Fbovespa, encerrando o pregão de ontem a R\$ 11,05. Foi a maior valorização entre os papéis que compõem Ibovespa. Apenas ontem, o valor de mercado da JBS aumentou mais de R\$ 5 bilhões, passando de R\$ 26,5 bilhões para R\$ 31,6 bilhões.

Em teleconferência com analistas, o CEO global da JBS, Wesley Batista, disse que o IPO da JBS Foods trará “benefícios similares” aos da reorganização societária proposta anteriormente. Entre os benefícios, citou a redução do custo de capital e o maior acesso aos mercados de capital e dívida.

Contrário à reorganização societária originalmente apresentada pela JBS, o BNDES gostou da nova proposta. A BNDESPar tem 20,36% das ações da JBS.

De fato, o banco estatal nem poderia impedir a operação. Pelos termos do acordo de acionistas entre a família Batista e a BNDESPar, a JBS pode alienar ativos que equivalham a até 10% do valor contábil dos ativos da controladora. Em 30 de setembro, o valor total dos ativos da controladora era de R\$ 54,7 bilhões, e 10% disso é R\$ 5,4 bilhões.



No pedido de registro do IPO protocolado na Securities and Exchange Commission (SEC), órgão que regula o mercado de capitais dos EUA, a JBS informou que o valor pro forma do patrimônio líquido da JBS Foods International é de apenas R\$ 694,5 milhões. Esse valor é baixo porque a JBS vai transferir dívidas da JBS S.A para a sua subsidiária.

Na prática, o limite de 10% não terá influência na emissão de ação, uma vez que é comum que o valor de mercado de uma empresa seja superior a seu valor contábil, o que deve ser o caso da JBS Foods International, que vai reunir todos os ativos da empresa, com a exceção do negócio de bovinos no Brasil. A receita líquida pro forma da subsidiária no ano passado foi de R\$ 136,2 bilhões, o que significa mais de 80% das receitas da JBS.

Diferentemente da proposta original, o IPO da JBS Foods International trará recursos para a subsidiária. Os recursos do IPO vão permitir “acelerar” o processo de redução de alavancagem da JBS, destacou Batista.

Em novembro, o empresário já havia dito que o foco da companhia em 2017 seria gerar caixa para reduzir a alavancagem, que chegou a 4,32 vezes no fim de setembro. A intenção da empresa era fazer esse índice cair para algo ao redor de 3 vezes até dezembro de 2017. Com o IPO, isso ocorrerá antes.

A expectativa da JBS é que a abertura de capital da subsidiária aconteça no primeiro semestre.

De acordo com Batista, a totalidade dos recursos que será obtida com o IPO será usada para pagar dívidas. No primeiro momento, explicou, o índice de alavancagem da JBS Foods International será superior ao da JBS, porque as dívidas serão transferidas. Com o recebimento dos recursos do IPO, o nível da alavancagem da controladora e de sua subsidiária será equalizado, explicou o empresário.

Para transferir as dívidas para a subsidiária, a JBS precisa do aval dos bondholders, o que tende a ser fácil. Na reorganização anterior, a empresa já havia obtido aprovação similar.

Com a subsidiária listada em Nova York, a JBS também verá sua capacidade de alavancagem financeira reforçada. Isso será possível porque que a JBS Foods International terá duas classes de ações: A, que efetivamente será negociadas na bolsa; e B, que será detida pela JBS (ver organograma). Cada ação da classe B equivale a dez votos da classe A.

Isso significa que a JBS Foods International poderá, futuramente, emitir mais ações (classe A) para financiar a expansão sem colocar em risco o controle da companhia brasileira.

Com tal modelo, em tese, a JBS pode manter o controle sobre a subsidiária internacional mesmo se ficar com apenas 9,1% do capital total, desde que com classe B. A empresa listada em Nova York terá flexibilidade financeira similar à de uma companhia de capital pulverizado, pois adotou uma estrutura de controle muito semelhante à usada pelo Google.